



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ACESSIBILIDADE CULTURAL



Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos

---

---

**Estratégias para mediação de crianças e jovens com  
Deficiência Intelectual no Museu da Geodiversidade  
(IGEO/UFRJ)**

---

---

Rio de Janeiro

2019

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos

---

---

**Estratégias para mediação de crianças e jovens com  
Deficiência Intelectual no Museu da Geodiversidade  
(IGEO/UFRJ)**

---

---

Monografia de Especialização Lato-sensu  
apresentado à Pós-Graduação em  
Acessibilidade Cultural da Faculdade de  
Medicina da Universidade Federal do Rio  
de Janeiro para obtenção do título de  
Especialista em Acessibilidade Cultural.

**Orientadora: Profa. Dra. Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro**

**Co-orientadora: Profa. Dra. Vera Lucia Vieira de Souza**

Rio de Janeiro

2019

COMISSÃO JULGADORA

---

Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro

---

Vera Lucia Vieira de Souza

---

Miryam Bonadiu Pelosi

**DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho aos meus amores Heleno e Caio Heleno por quererem uma sociedade mais inclusiva e acreditarem nela.*

*Dedico também aos profissionais e discentes que se dedicam à acessibilidade e, em especial, à equipe do Museu da Geodiversidade, a qual me ensina a magia da mediação.*

*E, ainda, às pessoas com deficiência, que fazem com que enxerguemos o mundo de uma maneira igualitária.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a Deus pela oportunidade da vida, do pensamento, da sabedoria, de poder ser uma sementinha e contribuir para a inclusão cultural de pessoas com deficiência.*

*Agradeço ao meu marido, Heleno, por me incentivar e apoiar, por debater e por auxiliar-me na escrita desse trabalho e na vida.*

*Agradeço a minha mãe e ao meu irmão, Luzia e Leandro, por serem meus anjos em forma de gente nessa vida e ao meu pai, Divan (in memoriam 1959-2004), por ter me inspirado no rumo à educação.*

*Agradeço ao meu filho, Caio Heleno, por me fazer uma pessoa melhor a cada dia.*

*Agradeço a minha orientadora, Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro, por ter acreditado no meu potencial e ter me incentivado nesse caminho da acessibilidade.*

*Agradeço a minha co-orientadora, Vera Lucia Vieira de Souza, por ter compartilhado toda a sua expertise e por me fazer uma profissional em busca do entendimento sobre como lidar com crianças e jovens com deficiência intelectual.*

*Agradeço ao Diretor do Instituto de Geociências (Gestão 2011-2019), Ismar de Souza Carvalho, por incentivar e autorizar o meu estudo.*

*Agradeço a minha Diretora Adjunta de Extensão (Gestão 2011-2019), Maria Naíse de Oliveira Peixoto, pelo aprendizado no que tange à extensão universitária, por sua determinação e sua paixão pelo compartilhamento de conhecimento e por ter autorizado e incentivado o meu estudo.*

*Agradeço a minha companheira e amiga de trabalho, Adriana Vicente, por ter sido um presente em minha vida, vivenciando comigo a trajetória da extensão universitária e revisando com todo carinho minha obra.*

*Agradeço à Diretora do Museu da Geodiversidade, Kátia Leite Mansur, por abrir as portas desse espaço que visa à divulgação científica através das diretrizes da extensão universitária e da acessibilidade cultural.*

*Agradeço à equipe do educativo do MGeo, em especial a Marcia Cesar Diogo e a Eveline Milani Romeiro Pereira Aracri, por compartilharem suas experiências de educadoras museais comigo e por colaborarem durante as observações das mediações.*

*Agradeço aos mediadores do MGeo, Nicollas de Oliveira Ferreira Santos e Maria Eduarda dos Santos de Oliveira, Eduardo Alves Mendonça e Rebeca Rosa Amaral Costa Lima por permitirem ser observados e por contribuírem para a sistematização das estratégias de mediação para crianças e jovens com deficiência intelectual.*

*Agradeço, ainda, ao Eduardo Alves Mendonça por traduzir o resumo desta obra.*

*Agradeço a Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro, ao Eduardo Alves Mendonça e a Marcia Cesar Diogo por produzirem as imagens fotográficas imprescindíveis a esse trabalho.*

*Agradeço aos docentes e aos meus colegas de curso, principalmente a Cristiana de Barcellos Passinato, Rita de Cássia Oliveira Gomes, Rose Lane Loureiro Gadelha de Azedia e Vilma Frazão de Melo, por me permitirem fazer parte de um grupo diverso e dividirem comigo toda sua experiência profissional no âmbito da acessibilidade.*

*Agradeço ao Ministério da Cidadania pelo apoio ao Curso.*

*Agradeço a Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, pelo fomento das bolsas de extensão aos mediadores do Museu da Geodiversidade.*

*Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008)*

*Artigo 3 - Princípios gerais*

*Os princípios da presente Convenção são:*

- a) O respeito pela dignidade inerente, a autonomia individual, inclusive a liberdade de fazer as próprias escolhas, e a independência das pessoas;*
- b) A não-discriminação;*
- c) A plena e efetiva participação e inclusão na sociedade;*
- d) O respeito pela diferença e pela aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e da humanidade;*
- e) A igualdade de oportunidades;*
- f) A acessibilidade;*
- g) A igualdade entre o homem e a mulher;*
- h) O respeito pelo desenvolvimento das capacidades das crianças com deficiência e pelo direito das crianças com deficiência de preservar sua identidade.*

DOS SANTOS, Damiane Daniel Silva Oliveira. **Estratégias para mediação de crianças e jovens com Deficiência Intelectual no Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ)**. 2019, xiii e 47 p. Monografia em Acessibilidade Cultural - Faculdade de Medicina. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

## RESUMO

O Museu da Geodiversidade (MGeo) do Instituto de Geociências(IGEO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) se propõe a receber todos os seus visitantes com a mesma qualidade, porém ainda existem algumas barreiras que dificultam o acesso e a fruição para pessoas com deficiência. No viés de eliminar barreiras atitudinais e comunicacionais, buscou-se desenvolver estratégias de acessibilidade voltadas para as Geociências, em especial sobre o conteúdo abordado na exposição “Memórias da Terra”, a fim de contribuir para a recepção de crianças e jovens com Deficiência Intelectual. O estudo aqui apresentado teve caráter essencialmente qualitativo, com ênfase na observação e discussão com base nas publicações relevantes da área. Está fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos: Romeu Sasaki, Aline Castro, Vanessa Dea e Edison Duarte e Viviane Sarraf. A partir da observação não-participativa realizada, constatou-se que a equipe do MGeo trabalha para a eliminação da exclusão cultural. No entanto, ainda existem alguns fatores que necessitam ser aperfeiçoados para atender às necessidades específicas de alguns indivíduos. Algumas estratégias foram sistematizadas e analisadas para auxiliar e viabilizar uma mediação acessível para crianças e jovens com deficiência intelectual, com isso, pretende-se reduzir ao máximo as barreiras comunicacionais para que todos os visitantes possam aprender nesse espaço científico-cultural e desfrutar dele de uma maneira mais equalitária.

Palavras-chave: Acessibilidade Cultural; Deficiência Intelectual; Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ); Museu Inclusivo.



## **ABSTRACT**

DOS SANTOS, Damiane Daniel Silva Oliveira. **Strategies for mediation of children and young people with Intellectual Disability at the Museum of Geodiversity (IGEO / UFRJ)**. 2019, xiii and 47 p. Monograph on Cultural Accessibility – Faculty of Medicine. Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

## **ABSTRACT**

The Museum of Geodiversity (MGeo), Geosciences Institute (IGEO) of Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) intends to receive all its visitants with the same excellence but there are still some obstacles that raise difficulties on the access and fruition to disabled people. In order to eliminate attitudinal and communicational barriers it was pursued to develop accessibility strategies concerned to Geosciences, specially about the content broached on the exhibition “Memories of Earth”, seeking to contribute for the reception of children and youth with Intellectual Disability. The study presented here had an essential qualitative approach, with emphasis on the observation and discussion of the surveillance and analysis of relevant publications on this area. It is fundamented on ideas and principles of some theoric that show significative importance on definition and construction of the discussed notions: Romeu Sasaki, Aline Castro, Vanessa Dea, Edison Duarte and Viviane Sarraf. From the non-participative observation realized it was observed the MGeo crew works to eliminate cultural exclusion. However there are still some factors that need to be improved to attend some individuals specific needs. Some strategies were systemized and analysed for assist and make possible an accessible mediation for children and youth with intellectual disability, with this, it is intended to reduce at the most the communicational obstacles for that all the visitants may learn at this scientific-cultural space and enjoy it with equity.

Key Words: Cultural Accessibility, Intellectual Disability, Museum of Geodiversity (IGEO/UFRJ), Inclusive Museum.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Entrada do Museu da Geodiversidade: A solução interativa “Monteiro Lobato” e a fachada do museu.....11
- Figura 2 – Coordenadora do grupo reapresenta pictogramas e fotografias do interior do museu ao grupo durante a recepção.....16
- Figura 3 – Grupo ouvindo a explanação do mediador diante da solução interativa Monteiro Lobato.....17
- Figura 4 – Elementos e museografia do primeiro módulo “Terra: um planeta em formação”.....18
- Figura 5 – Criança com uma lanterna iluminando e algumas pessoas tocando o globo e outra criança com a lupa observando o meteorito na vitrine.....18
- Figura 6 – Elementos e museografia do segundo módulo da exposição: “Minerais: frutos da Terra”, no detalhe a amostra do geodo de ametista.....19
- Figura 7 – Criança e adulto tirando uma foto da vitrine de minerais. Outra criança e outro adulto com uma lupa observando e tocando o geodo de ametista.....19
- Figura 8 – Elementos e museografia do terceiro módulo da exposição: à esquerda, “Mares do Passado”,.....20
- Figura 9 – Criança e adulto tateando a amostra do estromatólito. Outra criança com um mediador com a lanterna iluminando a amostra de icnofóssil.....21
- Figura 10 – Elementos e museografia do quarto módulo da exposição: “E a vida conquista os continentes”.....22
- Figura 11 – Grupo sentado no chão com alguns objetos na mão olhando para cima.....22
- Figura 12 – Mediador iluminando entre os troncos com a lanterna. Criança e adulto observando a reconstituição de um réptil entre os troncos.....23
- Figura 13 – Grupo no quinto módulo da exposição: “Feras do Cretáceo”.....24
- Figura 14 – Grupo no sexto módulo da exposição: “Gondwana, a Terra em Movimento”.....24

Figura 15 – Grupo passando pelo Paleojardim.....	25
Figura 16 – Grupo no oitavo módulo: “Era dos mamíferos” .....	26
Figura 17 – Grupo no nono módulo: “Os primeiros americanos” .....	26
Figura 18 – Grupo com vinte e uma pessoas fazendo pose em frente a plotagem da Luzia.....	27
Figura 19 – Grupo no décimo módulo: “Tecnógeno: uma realidade” .....	28
Figura 20 – Grupo no painel “De olho no Petróleo.....	28
Figura 21 – Grupo sentado em roda no CEMA para preparação das atividades e roda de conversa.....	29
Figuras 22 e 23 – Crianças e jovens realizando atividade.....	30
Figura 24 – Educadora do museu com a caixa de recursos na mão para as crianças pegarem os objetos.....	31
Figura 25 – Grupo sentado em roda para avaliação.....	32

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABCMC - Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AAIDD - Associação Americana de Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento

AAMR- Associação Americana de Retardo Mental

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CAA - Comunicação Alternativa e Ampliada

CCMN - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza

CEMA - Centro de Estudos de Mudanças Ambientais

DI - Deficiência Intelectual

ENAC - Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras

IGEO - Instituto de Geociências

IPPMG - Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira

LBI - Lei Brasileira de Inclusão

MGeo - Museu da Geodiversidade

NBR- Norma Brasileira de Acessibilidade

OMS - Organização Mundial de Saúde

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PR-5 - Pró-Reitoria de Extensão

PROFAEX- Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão

SIAC - Semana de Integração Acadêmica

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>01</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>02</b>
1.1 Sobre a Acessibilidade em Museus.....	04
1.2 Sobre a Deficiência Intelectual.....	07
1.3 Objetivo.....	09
<b>2 Metodologia.....</b>	<b>10</b>
<b>3 Resultados.....</b>	<b>12</b>
3.1 Sobre o Museu da Geodiversidade.....	12
3.2 A experiência do Museu da Geodiversidade com grupos de crianças e jovens com Deficiência Intelectual.....	16
<b>4 Discussão.....</b>	<b>34</b>
4.1 - Estratégias de acessibilidade voltadas para a Exposição “Memórias da Terra” para a recepção de crianças com Deficiência Intelectual.....	34
4.2 Orientações para a mediação de crianças e jovens no Museu da Geodiversidade.....	36
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>39</b>
<b>Referências.....</b>	<b>42</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>45</b>
Apêndice 1 Roteiro para observação não-participativa de visita mediada para grupo de crianças e jovens com deficiência intelectual.....	46
Apêndice 2 Autorização de uso de direitos de imagem e/ou áudio.....	47

## APRESENTAÇÃO

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (FREIRE, 1996, p. 25).

Esta monografia é resultado de uma pesquisa realizada entre 2018 e 2019 no âmbito do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural<sup>1</sup>, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Minha vida acadêmica até concluir esta monografia foi um pouco diversificada. Fiz Pedagogia com ênfase em Gestão Escolar e Pós-graduação em Psicopedagogia Institucional. Na graduação, participei do Programa Integrado de Pesquisas e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense (PINBA) como bolsista de extensão. Lecionei durante onze anos na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental na rede pública das cidades do Rio de Janeiro e de São João de Meriti, onde tive a oportunidade de começar a refletir sobre estratégias de ensino e aprendizado para atender aos alunos com deficiência. Hoje sou Técnica em Assuntos Educacionais da UFRJ e encontro-me exercendo a função de Diretora Adjunta de Extensão do Instituto de Geociências (IGEO), onde está localizado o Museu da Geodiversidade (MGeo).

Apesar de estar sediada em outro setor, sempre houve um contato e uma cooperação com a equipe do MGeo. Dessa relação surgiu a oportunidade de atuar - como vice-coordenadora - no projeto de extensão “Um Museu para Todos: Adaptação da Exposição Memórias da Terra (Museu da Geodiversidade - IGEO/UFRJ) para Inclusão de Pessoas com Deficiência”, com viés em acessibilidade cultural, dividindo angústias e buscando soluções com a coordenadora da ação, Aline Rocha, e com toda equipe do MGeo.

No ano de 2015 assumi a coordenação do projeto por motivo de licença maternidade da coordenadora, dando continuidade ao trabalho. Neste mesmo ano, coordenei o Curso de Extensão “Aprendendo a Lidar com a Diversidade”, ofertado a diferentes profissionais (docentes e equipe técnica) de instituições Escolares

---

<sup>1</sup>O conceito de Acessibilidade Cultural pressupõe que os espaços públicos e privados que acolhem os diferentes tipos de produção cultural como exposições, espetáculos, audiovisual, cursos, oficinas, eventos e todos os demais tipos de ofertas, devem oferecer um conjunto de adequações, medidas e atitudes que proporcionem bem-estar, acolhimento e acesso à fruição cultural para pessoas com deficiência, beneficiando públicos diversos (SARRAF, 2018, p.25).

Municipais, Estaduais e Federais, Movimentos Sociais e Grupos Comunitários que atuam pela inclusão social da pessoa com deficiência, profissionais de museus e centros culturais, além de alunos de graduação e pós-graduação em geral. A temática do curso consistiu em discutir a acessibilidade em museus e centros culturais, capacitando-os em acessibilidade atitudinal para recepção e atendimento de pessoas com deficiências nos espaços culturais de forma qualitativa.

Desde então, realizamos oficinas de sensibilização com essa temática durante as Semanas de Integração Acadêmica (SIAC) da UFRJ, o Encontro Nacional da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência (ABCMC), o Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural (ENAC), a Semana de Capacitação dos Mediadores do MGeo e as Conversas Sobre Acessibilidade em Ambientes Culturais.

Cabe ressaltar que, em todos esses eventos, contamos com a colaboração de docentes da Terapia Ocupacional. Na segunda turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural da UFRJ, em 2015, o MGeo foi o museu-escola e houve a visita de dois grupos de crianças e jovens com Deficiência Intelectual (DI) organizadas junto com as Professoras Vera Lucia de Souza, Miryam Pelosi, Patrícia Dorneles e Vania Mefano.

Neste estudo, tive a oportunidade de aprofundar a investigação teórica empírica sobre a mediação e a relação de crianças e jovens com DI e o espaço museal. Os resultados da pesquisa aqui apresentados vêm oferecer subsídios para proporcionar uma comunicação mais acessível e acolhedora nos museus.

## **INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos a equipe do Museu da Geodiversidade vem se deparando com inúmeros desafios no campo da acessibilidade, como o de aumentar a demanda por visitas de pessoas com deficiência ao museu, num processo de formação de público. Por não ser uma demanda frequente, sempre que ocorre uma visita mediada de pessoas com deficiência intelectual, a equipe necessita fazer, antes da mesma, uma conversa de capacitação com os mediadores que a realizarão para retomar a atenção necessária aos cuidados de abordagem inclusiva. Embora

sejam realizadas capacitações com os educadores, precisamos sistematizar as estratégias de comunicação e mediação acessíveis para que faça parte do conteúdo das ações do MGeo com sua equipe.

Para atingir o objetivo do trabalho, seguiram-se os seguintes passos: levantamento e revisão bibliográfica acerca dos conteúdos de mediação em museus e deficiência intelectual; elaboração de um formulário de observação de uma visita; aplicação de atividade prática e posterior roda de conversa - ambas realizadas por quatro mediadores do MGeo - e, por fim, análise das respostas dos formulários e sistematização de estratégias para uma mediação acessível.

Neste sentido, a pesquisa procurou responder a seguinte questão: quais estratégias a equipe do Museu da Geodiversidade pode utilizar, de forma sistemática e reflexiva, a fim de disponibilizar uma mediação acessível para as crianças e jovens com deficiência intelectual?

Esta monografia está estruturada em três seções que discutem o tema proposto por essa pesquisa.

A primeira seção está dividida em duas partes. A primeira, intitulada “Sobre a Acessibilidade em Museus”, versa sobre o histórico da acessibilidade em museus, trazendo à tona um trabalho de inclusão cultural. A segunda parte dessa seção, “Sobre a Deficiência Intelectual”, apresenta o conceito e as características da deficiência intelectual.

A segunda seção, intitulada “Sobre o Museu da Geodiversidade”, discorre sobre o histórico do Museu da Geodiversidade, sua criação, seu funcionamento e a formação de sua equipe. “A experiência do MGeo com grupo de crianças e jovens com Deficiência Intelectual”, apresenta o relato de experiência resultante da observação não-participativa e da junção dos três formulários respondidos durante a visita mediada realizada a exposição Memórias da Terra do MGeo.

A terceira seção, “Estratégias de acessibilidade voltadas para Geociências na recepção de crianças com Deficiência Intelectual”, é destinada à sistematização de estratégias de acessibilidade voltadas para Geociências a serem reforçadas e implementadas na recepção do público com crianças e jovens com DI.



As considerações finais apresentam reflexões sobre o processo teórico-prático que envolveu essa pesquisa, levando-nos a proposições e sugestões na direção de um museu acessível.

### **1.1 Sobre a Acessibilidade em Museus**

A inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com deficiência (além de outras) e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade (SASSAKI, 2010, p. 39).

Historicamente, as pessoas com deficiência tiveram que lutar primeiro pelo direito de serem consideradas como “pessoas” e “humanas”, visto que a deficiência os levava a condição de incapazes, e conseqüentemente excluídos da sociedade por extermínio, exclusão ou abandono.

Mesmo com a Declaração Internacional de Direitos Humanos (1948), documento de referência para garantia dos direitos do homem, afirmando, no artigo 27, que: “Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir das artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”, o direito de acesso aos bens culturais das pessoas com deficiência ainda está em processo de reconhecimento.

Todos os indivíduos, independentemente de sua origem, classe social, experiência prévia, condição congênita, aquisição de deficiência ou quaisquer outros fatores socioeconômicos que os identifiquem como minoria, têm o direito de acesso à cultura. Contudo, ainda se enfrentam barreiras atitudinais que dependem do entendimento da sociedade de que as adequações promovidas para acessibilidade não são necessidades exclusivas das pessoas com deficiência física, visual, auditiva, múltipla e intelectual. São resultado de adequações acessíveis em ambientes, tecnologia e serviços, trazendo benefícios para toda a comunidade. Em muitos espaços presenciamos os mesmos recursos de grande utilidade voltados para indivíduos da terceira idade com mobilidade reduzida, passagem de carrinhos de bebê e transporte ou ainda outros indivíduos, independentemente de suas limitações físicas, sensoriais e intelectuais.

Sarraff (2015) nos apresenta um panorama da acessibilidade em espaços culturais ao corroborar com os desafios encontrados pelas pessoas com deficiência e outros segmentos até então excluídos da sociedade, afirmando que:

A partir do final do século XVIII, algumas das coleções, religiosas e particulares, começaram a ganhar espaços de exposição públicos, abertos a toda a população. Entretanto, é claro que no período em questão, mais precisamente em 1790, estar aberto ao público tinha uma conotação muito diferente do que entendemos atualmente.

Nessa época, as pessoas que hoje formam parte significativa do público dos espaços culturais (idosos, crianças, jovens e famílias de classe média) estavam completamente excluídas da participação em tais atividades... O público desses espaços de cultura era formado, portanto, por membros das classes dominantes, em sua maioria homens que chegavam ao ensino superior ou ascendiam socialmente por títulos de nobreza ou acúmulo de posses (SARRAF, 2015, p.38-39).

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência vem romper com essa barreira excludente das pessoas com deficiência do convívio social, ao afirmar que: “Acessibilidade é o direito que garante à pessoa com deficiência viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social” (BRASIL, LBI, 2015, artigo 53).

Pessoas com deficiência são, antes de mais nada, PESSOAS. Pessoas como quaisquer outras, com protagonismos, peculiaridades, contradições e singularidades. Pessoas que lutam por seus direitos, que valorizam o respeito pela dignidade, pela autonomia individual, pela plena e efetiva participação e inclusão na sociedade e pela igualdade de oportunidades, evidenciando, portanto, que a deficiência é apenas mais uma característica da condição humana (Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, 2008).

No Brasil, o primeiro sinal de conquista de integração social das pessoas com deficiência deu-se através da Constituição de 1934, como acentua Araújo (1997, p. 67), com o conteúdo do direito à integração social da pessoa deficiente, ao disciplinar em seu artigo 138 ser incumbência da União, dos Estados e dos Municípios:

- a) assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar.

Por meio da Emenda nº 12, à Constituição Federal de 1967 é que se pode constatar uma verdadeira evolução na proteção dos direitos das pessoas com deficiência, servindo “de base para uma série de medidas judiciais (a ação dos deficientes que requereram acesso às rampas de embarque do metrô de São Paulo)”. Mas o marco verdadeiro somente foi estabelecido com a Constituição da

República Federativa do Brasil de 1988, na incorporação do parágrafo 3º do artigo 5º da Constituição Federal, da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, na forma do primeiro tratado internacional com força de norma constitucional.

Lembremos que o conceito de direito à acessibilidade universal está relacionado à concepção de ambientes, serviços e ao uso de todos os indivíduos, independentemente de suas limitações físicas, sensoriais e intelectuais. A Norma Brasileira de Acessibilidade – NBR 9050 (2015), documento regulamentado pelas leis de inclusão e como:

Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida (ABNT, NBR 9050, 2015, p. 2).

O conceito de Acessibilidade Cultural apresentado por Sarraf (2018) condiz com a adequação do espaço para receber as pessoas com algum tipo de deficiência, o que resulta em benefícios para públicos diversos. Nesse sentido, os museus, para que sejam plenamente acessíveis, necessitam sensibilizar e capacitar seus funcionários, criar e adequar espaços, utilizar tecnologia assistiva, serviços e produtos que promovam oportunidades equitativas para todos os públicos, independentemente da condição física, comunicacional e intelectual das pessoas.

A partir do final do século XX e início do século XXI, os museus começaram a desenvolver projetos e programas visando à inclusão social de pessoas com deficiência, adequando o acesso à linguagem e a interação dessas pessoas com as exposições e os mediadores.

As populações que representam os beneficiários diretos da aplicação da comunicação sensorial e das estratégias de mediações acessíveis necessitam de recursos que proponham percepções por meio dos sentidos que não se limitem à visão e audição; adequações espaciais que proporcionem acesso aos indivíduos que se locomovem de maneiras diferentes e com equipamentos; estratégias de comunicação alternativas que privilegiem diversos níveis de cognição e outros aspectos que respeitem as diferentes disposições dos indivíduos que formam nossa sociedade diversa (SARRAF, 2015, p. 63).

Nossa sociedade apresenta diferentes indivíduos com diversas formas de pensar, de ver o mundo e de se colocar nele. Não mais se admite que os museus ainda tenham uma visão tradicional fazendo uso do aspecto visual para comunicar

seu conteúdo. Oferecer um museu acessível é valorizar todas as pessoas, com ou sem deficiência, criança ou adulto, nacional ou estrangeiro.

## 1.2 Sobre a Deficiência Intelectual

Deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente. Assim como outras formas de opressão pelo corpo, como o sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente (DINIZ, 2007, p. 09-10).

No século passado a deficiência era vista pelo modelo médico como a pessoa tendo com uma lesão, uma restrição de habilidade ou um corpo anormal. Nos anos de 1970, nos Estados Unidos e Reino Unido iniciou-se uma revolução contra o modelo médico da deficiência. Surgiu, assim, estudos baseados no modelo social, que defendia que a deficiência não estava na pessoa, mas sim no meio, na estrutura social que oprime a pessoa com deficiência (DINIZ, 2007, p.8-11).

Mascarenhas (2018, p.21), transcreveu a fala de Bezerra (2016), em sua apresentação no Programa Café Filosófico, ao discursar sobre esse percurso histórico do modelo médico ao social da pessoa com deficiência dizendo:

A pessoa com alguma deficiência era vista como alvo de uma tragédia pessoal, um infortúnio e merecedor de comiseração e piedade. O que prevalecia era a visão médica, o que se via era a lesão que o acometeu e o transformou em deficiente. O termo lesão, de origem inglesa é *impairment*. Nos anos 70 e 80 o modelo social desconecta lesão e deficiência. Lesão é algo objetivo e a deficiência é uma experiência. É o modo como uma lesão impacta na *performance* do indivíduo na sociedade. E, a *performance* daqueles indivíduos no mundo, depende não apenas daquela lesão, mas fundamentalmente do tipo de ambiente que acolhe ou não a particularidade daquela lesão. A deficiência é relacional (Transcrição livre, BEZERRA, 2016).

Durante a predominância do modelo médico, a denominação usada era deficiente mental e as pessoas eram nomeadas como idiotia, excepcional, especial, incapaz mentalmente e retardado mental. Essas terminologias são impregnadas de preconceitos, discriminação e estereótipos diminutivos.

Anterior a isso, desde 1876 existe a Associação Americana de Retardo Mental – AAMR, a mais antiga fundação do mundo no campo da DI. Essa organização acompanhou a evolução do conceito da DI e a partir de 2007 mudou o seu nome para a AAIDD - *American Association on Intellectual and Developmental*

*Disabilities*. A missão da AAIDD é “promover políticas progressistas, pesquisas sólidas, práticas eficazes e direitos humanos universais para pessoas com deficiências intelectuais e de desenvolvimento” (AAIDD, 2019).

Após vários anos de estudos e discussões feitas, incluindo pessoas com deficiência, adotou-se a nomenclatura deficiência intelectual, que foi definida pela AAIDD (2010) como uma “deficiência caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo, que abrange muitas habilidades sociais e práticas cotidianas. Esta deficiência tem origem antes dos 18 anos”. Define também a inteligência como “uma habilidade mental geral. Inclui raciocínio, planejamento, resolução de problemas, pensamento abstrato, compreensão de ideias complexas, aprendizagem rápida e aprendizagem a partir da experiência”.

Mascarenhas (2018), ao citar Sasaki (2007), diferencia a deficiência intelectual da deficiência/transtorno mental:

O novo conceito é mais real, mais de acordo com o que hoje se sabe sobre a inteligência humana e, portanto, faz justiça para a pessoa com deficiência mental. Muito ao contrário do que estabelecia o conceito anterior, que tanta injustiça causou à vida de milhões de pessoas com deficiência intelectual e suas famílias. (...) O termo substituiu "deficiência mental" em 2004, por recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU), para evitar confusões com "doença mental", que é um estado patológico de pessoas que têm o intelecto igual da média, mas que, por algum problema, acabam temporariamente sem usá-lo em sua capacidade plena. As causas variam e são complexas, englobando fatores genéticos, como a síndrome de Down, e ambientais, como os decorrentes de infecções e uso de drogas na gravidez, dificuldades no parto, prematuridade, meningite e traumas cranianos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 5% da população mundial tem alguma deficiência intelectual (SASSAKI, 2007, p. 287).

Quando falamos em DI, referimo-nos a questões funcionais que interferem no desenvolvimento do indivíduo e geram dificuldades no aprendizado e na realização de tarefas simples do dia a dia. Nestes casos existe um problema cognitivo que aparece antes da fase adulta, apresentando o funcionamento intelectual significativamente inferior à média. Apresentam limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação, cuidado pessoal, habilidades sociais, utilização dos recursos da comunidade, saúde, segurança, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho.

O entendimento das causas da deficiência intelectual, apontadas pela AAIDD, concentra-se nos tipos de fatores de risco (biomédico, social, comportamental e educacional) e no momento da exposição (pré-natal, perinatal e pós-natal) a esses fatores.

A DI não é considerada uma doença, porém, há a necessidade de tratamento multidisciplinar, especialmente nas áreas da terapia ocupacional, fisioterapia e fonoaudiologia, para estimular integralmente o desenvolvimento da criança.

Muitas crianças com DI possuem considerável autonomia e realizam muitas atividades de forma independente de acordo com as suas possibilidades, quando estimuladas desde pequenas. Frequentam escolas, centros de reabilitação e terapias, participam da comunidade, vão a teatros, a museus, brincam e

são capazes de aprender muitas coisas: ler, escrever, tocar instrumentos, andar a cavalo, dançar, nadar etc. No entanto, muitas vezes, precisam de um tempo maior que outra criança precisaria para processar as informações e aprender. Com paciência e persistência, esses indivíduos surpreendem as famílias e os profissionais (DEA e BALDIN, 2009, p. 34).

Quando alguém infantiliza um jovem com DI, também o subestima e constrói barreiras a sua inclusão. Ao fazê-lo, não só lhe negamos um direito que é legítimo e assegurado – o acesso à educação e à cultura – como também, a oportunidade de transformar e expandir seus horizontes e possibilidades, por meio do desenvolvimento de sua capacidade intelectual. A inclusão social e cultural da criança e do jovem com DI permite que muitos se desenvolvam e assumam um papel produtivo dentro da sociedade.

### **1.3 OBJETIVO**

Sistematizar as estratégias de acessibilidade adotadas para a recepção de crianças e jovens com Deficiência Intelectual na exposição Memórias da Terra do Museu da Geodiversidade.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi desenvolvida no modelo de relato de experiência caracterizando-se como pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2015, p. 21), a pesquisa qualitativa “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

O objeto dessa pesquisa foi o Museu da Geodiversidade, pertencente ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, no campus da Cidade Universitária, no Rio de Janeiro.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um formulário de registro da observação elaborado pela pesquisadora, em acordo com suas orientadoras, apresentando perguntas estruturadas para uma observação não-participante de uma visita mediada, encontra-se no Apêndice 1. O mesmo foi respondido pela pesquisadora e mais dois profissionais durante a visita e a roda de conversa. A análise do material levou em consideração as respostas dos três profissionais, o que resultou na sistematização de algumas estratégias para uma mediação e comunicação acessível às crianças e jovens com DI.

Os procedimentos seguidos foram:

- 1) Levantamento de referências sobre acessibilidade em museus, deficiência intelectual, legislação;
- 2) Agendamento da visita pelo profissional da Terapia Ocupacional;
- 3) Empréstimo dos materiais acessíveis do Museu da Geodiversidade;
- 4) Preparação das crianças e dos jovens que fizeram a visita;
- 5) Chegada ao MGeo e recepção pela equipe de mediadores;
- 6) Mediação da visita a Exposição Memórias da Terra;
- 7) Preenchimento do formulário de observação durante a visita;
- 8) Aplicação de atividade lúdica no CEMA;

- 9) Roda de conversa com todo o grupo (crianças, jovens, responsáveis, equipe do MGeo, docente e discentes do curso de Terapia Ocupacional) para realização de avaliação da visita e da atividade;
- 10) Análise das respostas do formulário.



### 3. RESULTADOS

#### 3.1 Sobre o Museu da Geodiversidade (MGeo)



Figura 1 – Entrada do Museu da Geodiversidade. À esquerda, a solução interativa “Monteiro Lobato” e, à direita, a logo do museu em uma parede decorada com rochas (quartzito).  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade.

O Museu da Geodiversidade é um museu universitário pertencente ao Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado no Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, no campus da Cidade Universitária, no Rio de Janeiro. Sua criação se deu em

2007 com o intuito de ajudar a preservar uma parte da história do Planeta Terra através da organização de seu acervo. Neste acervo há fósseis brasileiros de referência científica, minerais e rochas de extrema raridade. Outro papel importante é a sua atuação na divulgação científica, em especial, das Ciências da Terra, buscando possibilitar a compreensão dos porquês, onde e como ocorrem os terremotos, furacões, vulcões, mudanças climáticas de forma simples e lúdica. Em outras palavras, busca retratar a história geológica da Terra, se aproximando da sociedade através das relações que o homem trava com os elementos da geodiversidade (CASTRO, 2014, p. 01).

A exposição inaugurada em 2011, intitulada “Memórias da Terra”, fica aberta de segunda a sexta no horário das 9 às 17 horas. Apresenta em seu circuito um passeio desde a Terra primitiva até a vida do homem no Antropoceno<sup>2</sup>. É um museu que busca atender as diretrizes da extensão universitária pactuadas no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira (FORPROEX) (2010), são elas: interação dialógica; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão; impacto na formação do estudante e impacto na transformação social.

<sup>2</sup>O Antropoceno foi definido pela primeira vez pelos cientistas Crutzen e Stoemer (2000). Antropoceno é uma nova época geológica e humana, caracterizada pelo protagonismo da humanidade como força transformadora do planeta (Rockstrom et al., 2009; Biermann et al., 2012; Steffen et al., 2015 in Viola e Basso, 2016, p.2).

Atualmente, a equipe do MGeo tem uma formação multidisciplinar, composta por quatro Museólogas (três dedicadas às coleções e reserva técnica e uma ao espaço expositivo), duas Técnicas em Assuntos Educacionais (uma Licenciada em Letras e a outra em História), quatro auxiliares em Divulgação Científica (estando um dedicado às coleções e reserva técnica e os outros três ao espaço expositivo), dois porteiros e três professores do Departamento de Geologia. Conta também com estudantes bolsistas<sup>3</sup> de extensão e curriculares<sup>4</sup> de diferentes cursos de Graduação da UFRJ. Nos anos de 2018 e 2019 a equipe vem contando com dois estudantes de Mestrado, um, em Geologia da UFRJ, antigo bolsista de extensão do museu e outro, em Divulgação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), e um estudante bolsista do PIBIC<sup>5</sup>.

O MGeo recebe anualmente aproximadamente 8.000 pessoas, especialmente estudantes, professores e técnicos que atuam nos ensinos infantil, fundamental, médio e superior do Estado do Rio de Janeiro e de estados vizinhos, além do próprio público interno da UFRJ.

O trabalho da equipe do Museu da Geodiversidade busca proporcionar aos graduandos uma formação integral e cidadã ao colocá-los numa relação dialógica com o público que recebe, colocando-os frente a frente com novas e diferentes realidades. Como princípio fundamental de um museu universitário, adota-se o conceito de Extensão Universitária definido pelo FORPROEX, aprovado em 2010 e publicado no documento Política Nacional de Extensão (2012):

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (Resolução CNE/CES 7/2018. Diário Oficial da União, Brasília, 19 de dezembro de 2018, Seção 1, p. 49 e 50).

---

<sup>3</sup>Estudantes oriundos de projetos de extensão que são apoiados pelo Edital PROFAEX da Pró-Reitoria de Extensão – PR-5 da UFRJ.

<sup>4</sup>Desde 2017.1 os estudantes ingressantes na UFRJ devem cumprir 10% da carga horária total do curso em ações de extensão cadastradas na PR-5. Esses estudantes se inscrevem na disciplina de extensão do seu curso e podem cumprir essa carga horária em qualquer unidade da UFRJ.

<sup>5</sup>Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Desde a sua inauguração, a equipe vem inserindo novos elementos que se somam à museografia original da exposição “Memórias da Terra” na tentativa de aperfeiçoar o espaço, a narrativa expositiva e o atendimento oferecido pelo MGeo ao público. Nesse contexto, a discussão sobre a acessibilidade nos equipamentos culturais fez com que, no ano de 2013, fosse criado o projeto de extensão “Um Museu para Todos: Adaptação da Exposição Memórias da Terra (Museu da Geodiversidade - IGEO/UFRJ) para Inclusão da Pessoa com Necessidades Especiais” – atualmente a expressão “pessoa com necessidades especiais” foi substituída por “pessoa com deficiência”. Esse projeto visa ao cumprimento da Meta 29 do Plano Nacional de Cultura<sup>6</sup>. Tal meta estabelece que

100% de bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais atendendo aos requisitos legais de acessibilidade e desenvolvendo ações de promoção da fruição cultural por parte das pessoas com deficiência (BRASIL, 2012).

Sendo assim, o museu que queremos e que já começamos a construir baseia-se na extensão universitária e na acessibilidade, no sentido mais amplo dos conceitos. Temos a consciência de que o impedimento para as pessoas com deficiência não é sua limitação, mas sim as barreiras existentes nos locais, nas informações, nos serviços e nas pessoas. Dar acesso é permitir uma prática inclusiva. E esse acesso precisa ser construído numa relação dialógica com o sujeito como afirma Freire (1996, p. 25):

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.

O MGeo organiza visitas agendadas para instituições educacionais de todos os níveis de ensino e diversos outros grupos. Para garantir a qualidade da mediação na exposição “Memórias da Terra”, a equipe do museu estabeleceu que, preferencialmente, cada visita deva ter no máximo 40 pessoas, acompanhada de quatro mediadores. O grupo é subdividido em dois grupos de 20 pessoas – número avaliado como adequado ao circuito pelo espaço físico da exposição. Enquanto um

---

<sup>6</sup>O Plano Nacional de Cultura - instituído pela **Lei 12.343-**, de 02 de dezembro de 2010, é um planejamento de longo prazo, que estabeleceu diretrizes, estratégias e criação de metas a serem cumpridas até 2020, para o desenvolvimento cultural do País e para a integração das ações do poder público junto à sociedade.

grupo percorre a exposição com dois mediadores, o outro grupo realiza uma atividade educativa no CEMA<sup>7</sup>, alternando depois os grupos (ARACRI, 2013, p. 60).

A mediação e a atividade educativa são realizadas por estudantes de graduação e pelos funcionários do cargo administrativo Auxiliar de Divulgação Científica. O Núcleo GeoEducAtivo, setor educativo do MGeo, empenha-se em criar e oferecer visitas mediadas com roteiros diferenciados para atender aos diversos grupos que requerem uma visita à instituição, mediante agendamento prévio. Durante o agendamento é disponibilizado um questionário para o responsável pelo grupo, “cujo objetivo é desenvolver o conteúdo expositivo em conjunto com os estudantes, de modo a suscitar questões que os levem a refletir sobre o tema e a construir novas formas de compreender o mundo e de se relacionar com ele” (MGEO, s/d.). A partir do retorno do questionário, o Núcleo GeoEducAtivo estabelece qual o melhor roteiro a ser seguido para alcançar os objetivos solicitados.

A mediação deve respeitar o ritmo e a natureza do processo de aprendizagem de cada pessoa. Uma mediação centrada no indivíduo pode gerar a otimização de recursos, o fortalecimento de esperanças, o maior interesse pelos museus, a eliminação de barreiras atitudinais e um sistema mais inclusivo. Além disso, cada pessoa é um ser diferente da outra, cabendo o respeito a essas diferenças e individualidades. O que serve para um, pode não ser o mais adequado para o outro.

A visita ao espaço, aqui analisada, foi previamente agendada por uma docente do Departamento de Terapia Ocupacional, responsável pelo acompanhamento de um grupo de crianças e jovens vinculados ao Projeto de Extensão “TO Brincando”<sup>8</sup>, realizado no serviço de Terapia Ocupacional do Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG/UFRJ. Como preparação

---

<sup>7</sup>O Centro de Estudos de Mudanças Ambientais – CEMA é um espaço multiuso do IGEO localizado ao lado do circuito expositivo do Museu da Geodiversidade destinado a palestras, exposições temporárias, reuniões, atividades diversas.

<sup>8</sup>O Projeto TO Brincando, coordenado pela Profa. MiryamPelosi, teve início em agosto de 2012 e tem o objetivo de desenvolver e disseminar conhecimento acerca do brincar adaptado para crianças com deficiência. Para isso cria, analisa e realiza: adaptações físicas de jogos; simplificação de regras e sua escrita com símbolos; descreve outras maneiras de jogar; desenvolve recursos de comunicação alternativa, como pranchas de comunicação, que permitem a participação de crianças com dificuldades de fala; elabora atividades pedagógicas e materiais de apoio para o aprendizado dos conceitos apresentados nos jogos; e desenvolve jogos interativos e de tabuleiro (Projeto TO Brincando, 2019).

houve o empréstimo das pranchas de comunicação<sup>9</sup>, construídas pelas residentes da segunda turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural para apresentação anterior a visita ao grupo de crianças e jovens. A coordenadora apresentou imagens através de símbolos pertencentes à exposição. Essa visita foi motivada pelo pedido de um participante do grupo que já visitou o museu anteriormente.

Na ocasião para essa visita foi construído um termo de autorização de uso de direitos de imagem e/ou áudio para que os responsáveis pelas crianças e jovens pudessem autorizar o uso das fotografias tiradas durante a visita. O termo encontra-se no Apêndice 2.

Na preparação para a visita mediada, a equipe realizou uma conversa com os mediadores do Museu da Geodiversidade explicando como deveriam proceder. Solicitou que utilizassem os materiais pedagógicos concretos e as pranchas de comunicação pertencentes ao acervo. Para a atividade prática, foram selecionados os jogos da memória e de perguntas e respostas.

### **3.2 A EXPERIÊNCIA DO MGeo COM GRUPO DE CRIANÇAS E JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Esse movimento (nova museologia) apresentava oposição à base tradicional da museologia, em que as coleções eram o centro de atuação e existência dos museus. Em sua base filosófica, propôs um novo mote para os museus: ter como centro de atuação as pessoas, seu público, seja em termos de indivíduos de uma cidade urbana, seja em comunidades, pensando em áreas rurais e territórios não urbanizados (SARRAF, 2015,p. 44).

A observação não-participativa da visita mediada à exposição “Memórias da Terra” do MGeo foi feita por três profissionais de áreas distintas: Museologia, Terapia Ocupacional e Pedagogia. O grupo de visitantes foi composto de quatro crianças e jovens com Deficiência Intelectual, quatro acompanhantes (responsáveis), três estudantes extensionistas e um estagiário de Terapia Ocupacional. A mediação

---

<sup>9</sup>As pranchas de comunicação são recursos construídos com símbolos gráficos (PCS, ARASSAC e outros), letras ou palavras escritas. São utilizadas pelos usuários da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) para expressar suas questões, desejos, sentimentos, entendimentos, também facilitam a compreensão. Destinam-se a atender pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua habilidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever (UFRJ, LabiAssistiva, 2019).

foi realizada por quatro pessoas, sendo dois funcionários e dois bolsistas de extensão do MGeo.

A visita foi previamente agendada pela coordenadora do grupo com o Setor Educativo do MGeo. Antes da visita, a coordenadora realizou uma conversa com o grupo, utilizando pranchas de comunicação e texto escrito com símbolos, contendo os elementos centrais sobre a exposição.

Quanto à preparação do MGeo, um funcionário da equipe conversou com os mediadores escalados para realizar a visita a fim de lembrar os procedimentos e ferramentas que poderiam ser utilizados durante a mediação.

Quando o grupo chegou ao MGeo, fez-se a recepção na portaria do museu com a apresentação das pessoas e do objetivo da observação desta visita. Algumas crianças falaram seu nome e outras, por não se expressarem verbalmente, foram apresentadas por seus acompanhantes.



Figura 2 – Coordenadora do grupo reapresenta pictogramas e fotografias do interior do museu ao grupo durante a recepção.

Foto Divulgação: Acervo do Museu da Geodiversidade, 2019.

O mediador 1 chamou o grupo para frente da solução interativa<sup>10</sup> “Monteiro Lobato” e perguntou se alguém o conhecia. Alguns adultos disseram que sim e as

<sup>10</sup>Na abertura o visitante é surpreendido e convidado a adentrar a exposição por meio de um importante personagem histórico brasileiro do século XX: Monteiro Lobato. A intenção foi a de apresentá-lo não só como um renomado autor da literatura infanto-juvenil brasileira, mas também enquanto uma figura emblemática para a história da descoberta do petróleo em território nacional. Para materializar essa ideia, foi produzido um *software* que simula o movimento facial de uma pintura de Monteiro Lobato, ao mesmo tempo em que se ouvem algumas palavras (CASTRO, 2014, p.23).

crianças não conheciam. A coordenadora do grupo cantou a música do Sítio do Pica-Pau Amarelo para ilustrar quem foi Monteiro Lobato.

Nesse início da conversa, o mediador 1 utilizou um vocabulário um pouco difícil de ser compreendido pelas crianças, como por exemplo “vou fazer uma pequena introdução”.



Figura 3 – Grupo ouvindo a explicação do mediador diante da solução interativa Monteiro Lobato.

Após essa recepção, o grupo foi convidado a entrar na primeira sala. O mediador anunciou que a sala era um pouco escura e consultou o grupo se poderíamos prosseguir. Uma criança demonstrou medo e um profissional perguntou ao mediador se não tinha nenhum objeto que pudesse ajudá-la a vencer o medo. Assim, outro mediador tirou de uma caixa duas lanternas e perguntou se ela queria uma. A criança aceitou. Perguntaram se queriam também um Planeta Terra (em miniatura) e uma lupa. As outras crianças pegaram os objetos e entraram no primeiro módulo da exposição – “Terra: um planeta em formação”<sup>11</sup>.

A mediação foi feita por dois mediadores, que se revezavam nas falas. Os outros dois ficaram auxiliando e respondendo algumas perguntas individuais, trocando os objetos de uma caixa de recursos que serve de suporte à mediação. De vez em quando, era feita a indagação: “Alguém tem alguma pergunta?”, ficando na

<sup>11</sup> No primeiro módulo, intitulado “Terra: um planeta em formação”, o visitante encontra uma representação da Terra primitiva, ou seja, de um planeta muito quente, vulcânico, que lentamente se resfriou e formou a crosta terrestre. Esse objeto cenográfico simula a existência de crateras, vulcões e fissuras em sua superfície, de onde extravasa fumaça que remete ao calor original do planeta. Soma-se a esse, a exposição de meteoritos, texto e vídeo explicando como o nosso planeta se formou (CASTRO, 2014, p.24).



maioria das vezes o silêncio como resposta. Embora não houvesse novas questões, o grupo parecia estar bastante envolvido com a visita.

No primeiro módulo, as crianças foram estimuladas a tocar o Planeta Terra na sua forma primitiva. O mediador 1 falou que nesta sala havia um meteorito e um membro da equipe do museu lembrou que poderia ser uma estrela cadente. O mediador 2 fez a comparação do surgimento do Planeta Terra com as pessoas quando nascem.



Figura 4 – Elementos e museografia do primeiro módulo “Terra: um planeta em formação”

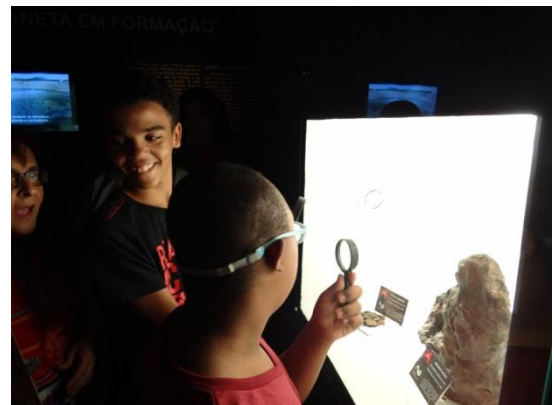


Figura 5 – À esquerda, uma criança com uma lanterna iluminando e algumas pessoas tocando o globo, à direita, outra criança com a lupa observando o meteorito na vitrine.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Convidados a passar para uma sala anexa a esse módulo, o grupo foi alertado que vivenciaria um terremoto com o chão se abrindo e cheio de lava, explicando que a lava é o derramamento do vulcão e é muito quente. O mediador não ficou muito tempo nesta sala e logo passou para o módulo seguinte. Nenhuma criança se assustou, ficaram atentas e apontavam as imagens que apareciam no chão.



Chegando ao módulo “Minerais: os frutos da Terra”<sup>12</sup> o grupo ficou livre para apreciar os minerais que se encontram em vitrines. As crianças gostaram bastante das cores, das formas e das luzes que os minerais têm. Uma criança se expressou apontando para minerais da cor rosa, que era a cor da sua blusa. Os acompanhantes também ficaram entusiasmados e fizeram algumas perguntas aos mediadores. Nesse momento todos os mediadores entraram em ação conjuntamente para atender a todos de uma forma individualizada.

O grupo ficou aproximadamente dez minutos nessa sala observando, tirando fotos e explorando com o tato a grande ametista, numa experiência multissensorial.

Um dos mediadores exemplificou o uso dos minerais no nosso cotidiano com um tubo cheio de sal e perguntou se as crianças conheciam o sal, sendo que uma fez a experimentação. Outro exemplo dado foi no uso dos minerais para fazer o celular, explicitando assim a importância dos minerais.



Figura 6 – Elementos e museografia do segundo módulo da exposição: “Minerais: frutos da Terra”, no detalhe a amostra do geodo de ametista.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.



Figura 07 – À esquerda, criança e adulto tirando uma foto da vitrine de minerais. À direita outra

<sup>12</sup>Este módulo foi concebido para impressionar pela beleza e diversidade dos minerais e, ao mesmo tempo, apresentar a importância de seus usos no nosso dia a dia (CASTRO, 2014, p.24).

criança e outro adulto com uma lupa observando e tocando o geodo de ametista.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Para sair dessa sala e partir para a próxima, foi feita a pergunta se alguém sabia de onde vinha a água. As crianças não responderam e um adulto falou “da torneira”. Assim, o grupo fora convidado ao Módulo “Mares do Passado”<sup>13</sup>.



Figura 8 – Elementos e museografia do terceiro módulo da exposição: à esquerda, “Mares do Passado”, onde se expõe um estromatólito fosfático contextualizado com o ambiente de sua formação e destaca-se a sua importância para a formação da atmosfera terrestre.  
Foto Divulgação: Acervo do Museu da Geodiversidade, 2019.

Cada criança foi para uma parte do módulo que mais chamou a sua atenção. Uma, ficou observando o fragmento de ferro bandado<sup>14</sup>, outra no estromatólito<sup>15</sup>, outra na vitrine e outra na amostra de quartzito com marcas de ondas preservadas.

Chamou a atenção do grupo um tubo de água com bolinhas que vai trocando de cores. O mediador informou que a nossa água nem sempre foi azul do jeito que conhecemos hoje. E que ela foi mudando de cor de acordo com os seres que viviam nela durante muitos anos atrás. Explicou também que as primeiras formas de vida no Planeta Terra foram encontradas na água. As crianças e jovens usaram lupas de

<sup>13</sup>No módulo “Mares do Passado” o visitante tem contato com a grande diversidade de mares e organismos aquáticos que já existiram no planeta. Não há organização temporal dos fósseis, apenas a ambiental, ilustrando a diversidade de organismos que viveram nos mares. Esse ambiente da exposição prima pela mudança de luz e cor, proposta como uma metáfora para o desenvolvimento dos oceanos, que evoluíram com a oxidação do ferro dissolvido nas águas, por isso a cor da água muda de forma randômica da cor verde para vermelho e depois para azul (CASTRO, 2014, p.25).

<sup>14</sup>Oriundo do Grupo Isua na Groenlândia, com cerca de 3,8 bilhões de anos, o qual representa parte da evidência mais antiga de existência de vida no planeta Terra (MILANI, 2013, p.52).

<sup>15</sup>Estromatólitos são estruturas rochosas construídas pelas cianobactérias. Os estromatólitos são uma das evidências mais antigas e reais de vida que se conhece. Hoje em dia ainda se pode observar o crescimento deles em alguns lugares do mundo, como nas Lagoas Salgada e Vermelha, ambas no estado do Rio de Janeiro (Texto do Módulo Mares do Passado da Exposição Memórias da Terra do Museu da Geodiversidade - IGEO/UFRJ).

mão para observar o acervo. O mediador chamou a atenção do grupo para uma das vitrines onde há um amonita<sup>16</sup>, que se assemelha a um caracol.



Figura 9 – À esquerda criança e adulto tateando a amostra do estromatólito, à direita, outra criança com um mediador com a lanterna iluminando a amostra de icnofóssil.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

É importante salientar que os acompanhantes também interagiram durante a visita, fazendo perguntas e estimulando as crianças a participarem da mediação.

Após aproximadamente dez minutos neste módulo, o mediador convidou o grupo à adentrar numa floresta, atravessando uma cortina de tecido onde estão plotadas copas de árvores. E assim, chegaram ao módulo “E a Vida Conquista os Continentes...”<sup>17</sup>.

<sup>16</sup>O amonita é um tipo de molusco, ancestral dos polvos, lulas e *Nautilus*, encontrado nos mares, que possui uma concha externa espiralada, variando de tamanho pequeno até 3 metros (com. verb. Deusana Machado, 2019).

<sup>17</sup>Este módulo trata do surgimento dos primeiros vegetais nos continentes. Nele, os visitantes também se encontram com os primeiros fósseis de vertebrados, como o *Prionosuchus*, um animal que aparentemente se assemelha a um jacaré, mas que é, na verdade, um anfíbio. Os visitantes também são levados a compreender a importância dos fósseis como evidências da deriva continental, em particular da quebra do paleocontinente Gondwana, pela exposição de fósseis encontrados no Brasil e no continente africano - o réptil Mesossauro e o vegetal *Glossopteris* sp. (CASTRO, 2014, p.26).





Figura 10 – Elementos e museografia do quarto módulo da exposição: “E a vida conquista os continentes”. No detalhe, a parte final do módulo, com representação das grandes florestas de coníferas, que abrigavam pequenos répteis.

Foto Divulgação: Acervo do Museu da Geodiversidade, 2019.

Os visitantes foram convidados a sentar no chão, formando um grande círculo. Alguns acompanhantes sentaram nos bancos que se encontram nessa sala. Foram incentivados a olhar para cima e observar uma reconstituição de um organismo que se assemelha a um jacaré, mas é um anfíbio. Nesse momento, o mediador perguntou com que se parecia o bicho que o grupo enxergava e foi apresentado um sapinho de pelúcia. O mediador explicou que eles estavam a observar um “primo” do sapo e que a aparência com um jacaré enganava.



Figura 11 – Duas fotos do grupo sentado no chão com alguns objetos na mão olhando para cima.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Uma criança apontou para os troncos de árvores mais a frente e um mediador disse que já responderia, mas que iria terminar a interlocução sobre o anfíbio. Nesse ínterim, ao demorar para responder a pergunta, uma outra criança bateu com o dedo indicador sobre o pulso o que interpretou-se como um sinal de que o tempo para responder a pergunta do colega estava passando ou demorando a passar.

Dessa forma, o grupo foi convidado a levantar e adentrar a floresta. O mediador foi lembrado de falar que não pode tocar nesses troncos porque eles são soltos e correm o risco de cair. Nessa transição temos uma rampa que necessita ser alertada ao grupo e, nessa ocasião, não foi anunciada.

Entre os troncos existem algumas reconstituições de alguns répteis que antecederam os dinossauros, mas que possuem uma fisionomia parecida. Essa é uma introdução ao mundo dos dinossauros, preparando o público para o surgimento deles no Planeta Terra, o que desperta muito a atenção e o interesse das crianças.



Figura 12 – À esquerda, mediador iluminando entre os troncos com a lanterna. À direita, criança e adulto observando a reconstituição de um réptil entre os troncos.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

O grupo chegou ao módulo “Feras do Cretáceo”<sup>18</sup> ficando livre pela sala. Apontaram para os dinossauros e para os painéis na parede, tiraram fotos, passaram por um túnel de vidro embaixo de uma reconstituição de um dinossauro de grandes dimensões. Os mediadores utilizaram dinossauros de brinquedo para fazer associação com o acervo das vitrines. Os mediadores realizaram um atendimento individualizado nesse módulo, pois cada participante se interessou por uma parte diferente. Ficaram aqui, também, aproximadamente dez minutos.

<sup>18</sup>O próximo módulo intenciona surpreender o visitante com grandes dinossauros brasileiros e mostrar que num intervalo de tempo de 170 milhões anos eles foram os protagonistas do nosso planeta. No entanto, aproveita-se esse momento para mostrar também a importância de outros organismos que, num primeiro momento, não chamam tanta atenção do público, como crocodilos terrestres, pterossauros e vegetais (em especial, troncos fósseis) (CASTRO, 2014, p. 27).



Figura 13 – À esquerda, criança com a lanterna e mediador com o jacaré na mão. À direita, duas crianças e dois adultos estão observando um fóssil dentro da vitrine.  
Foto divulgação: Acervo do Museu da Geodiversidade, 2019.

Passaram para o módulo “Gondwana: A Terra em Movimento”<sup>19</sup> e interagiram com o globo terrestre simulando o movimento dos continentes. Foi utilizada novamente a miniatura da Terra para associação com esse recurso museográfico. Uma criança demonstrou interesse pelos vídeos que são exibidos na televisão e seu acompanhante explicou para ela o que estava acontecendo.

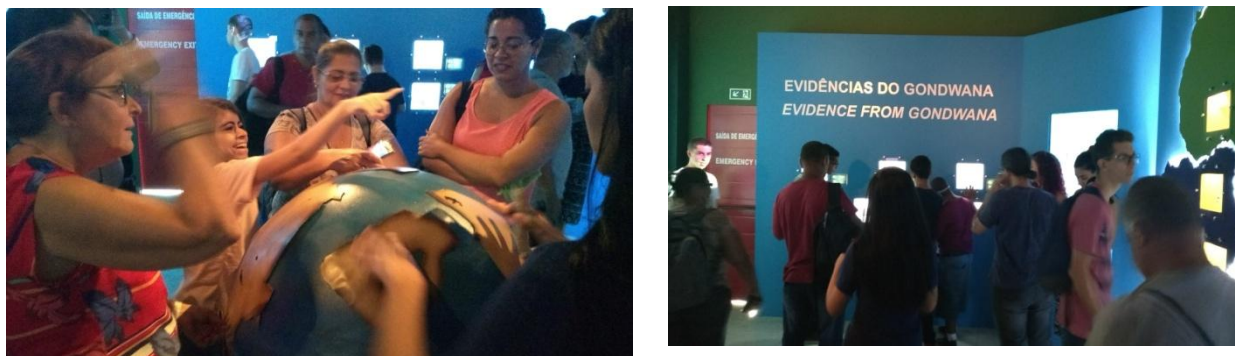


Figura 14 – À esquerda, uma criança e quatro adultos interagindo com o globo terrestre. À direita, o grupo em diferentes partes do módulo Gondwana.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

O mediador conduziu o grupo para o Paleojardim<sup>20</sup>, um módulo da exposição a céu aberto com um gigantesco painel que ilustra a evolução dos vegetais ao longo

<sup>19</sup> Este é um espaço destinado à exposição dos testemunhos da existência do Gondwana. Apresenta um globo terrestre onde os visitantes podem formar diferentes continentes. um jogo interativo com respostas em certo e errado, vídeos de pesquisadores e rochas em vitrines (Descrição da autora).

<sup>20</sup> Este é um ambiente de integração entre homem e natureza, entre tempo geológico e tempo antropológico, passado e presente, descoberta e conhecimento. É um local de interação, onde os visitantes sentem-se parte do jardim, podendo caminhar sobre fósseis e descobrir sua presença em capitéis de calcário pertencentes a uma igreja jesuítica que começou a ser construída no antigo Morro do Castelo (CASTRO, 2014, p. 28).



do tempo, uma praia, centenas de fósseis espalhados pelo chão e algumas plantas, porém o mediador não explorou o ambiente. Apenas pediu para ter cuidado para não se espetarem nas plantas e passou rapidamente para a outra sala.



Figura 15 – Elementos e museografia do sétimo módulo da exposição: “fósseis do molusco *Tylostomasp.* e os capitéis em Calcário Lioz da antiga “Igreja dos Jesuítas”, demolida no início do século XX, junto ao desmorte do Morro do Castelo (Centro do Rio de Janeiro). À direita, grupo passando pelo Paleojardim.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Adentrou-se à sala e logo foram recebidos por uma grande cabeça de jacaré com a boca aberta e grandes dentes, “O Monstro da Amazônia”<sup>21</sup>, o que chama também bastante atenção dos visitantes. Uma criança, segurando nos dentes do fóssil, perguntou o que era e um dos mediadores respondeu, imediatamente, que eram os dentes do bicho.

Depois de os mediadores alertarem o grupo sobre uma rampa na passagem desse local, alcançou-se o módulo “Era dos Mamíferos”<sup>22</sup> e as crianças tocaram numa maquete reprodutiva do ambiente onde vivia o mamífero *Carodniavieirai*, um parente da anta.

<sup>21</sup>O visitante pode se surpreender ao conhecer o *Purusaurus brasiliensis* Paula-Couto, 1952, o maior jacaré que já existiu, com 15 metros de comprimento. Ele foi encontrado no estado do Acre e viveu há 8 milhões de anos. Tinha uma mandíbula do tamanho de um homem de 1,75m de altura e pesava cerca de 7 toneladas e tornou-se o maior predador continental de todos os tempos (CASTRO, 2014, p. 30).

<sup>22</sup>Nesse módulo o visitante conhece o mamífero *Carodniavieirai*, encontrado na Bacia de São José de Itaboraí, localizada no Estado do Rio de Janeiro, onde também era extraído o calcário, matéria-prima para a fabricação do cimento utilizado na construção de edificações como o Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã e a Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói) (CASTRO, 2014, p. 29).



Figura 16 – À esquerda uma criança observando e duas tocando um fóssil. À direita, algumas pessoas contemplando um fóssil e ao fundo uma criança tateando uma maquete.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Ao passar para o módulo “Primeiros Americanos”<sup>23</sup> existe uma parede de azulejos com pinturas rupestres, uma reprodução da Luzia e uma presa de mamute dentro de uma vitrine. Os visitantes se interessaram pela presa e o mediador explicou o que era. Depois chamou a atenção para o painel com a foto da Luzia, perguntando se alguém sabia quem era, a fim de introduzir a fala de que ela foi o primeiro fóssil humano encontrado na América, aqui no Brasil.



Figura 17 – À esquerda, seis pessoas contemplando a parede de azulejos com pinturas rupestres. À direita, mediador explicando sobre a presa do mamute. Detalhe para uma criança segurando um brinquedo de mamute.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Após essa explanação, o grupo fez uma pausa para foto coletiva.

<sup>23</sup>Quando o visitante defronta-se com a sua própria história. Ele tem a oportunidade de observar artefatos arqueológicos, pinturas rupestres, reconstituições de crânios de diferentes homínídeos, uma escultura virtual da primeira americana descoberta (Luzia) e uma reconstituição de um dos primeiros macacos americanos, o *Protopithecus brasiliensis* Lund, 1938 (CASTRO, 2014, p. 30).





Figura 18 – Grupo com vinte e uma pessoas fazendo pose em frente a plotagem da Luzia.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Após a foto, o grupo foi chamado à atenção para a reprodução de uma reconstituição de um esqueleto de bicho-preguiça (*Nothrotheriummaquinense*) e de um macaco (*Protopithecus brasiliensis*). Nesse momento, inesperadamente, uma criança olhou e apontou para uma pessoa negra, dizendo que esta era um macaco. Um mediador interveio na situação, ensinando que não se pode falar isso das pessoas e pediu para que a criança se desculpasse, o que foi atendido imediatamente. Tal situação exige um preparo especial não só para evitar o preconceito com as pessoas com deficiência, mas sim entre eles, a fim de solucionar questões semelhantes.

Quase chegando ao final da exposição, temos o totem “Camadas do Tempo” “como uma alegoria da história humana, foi produzido para apresentar a sucessão dos principais episódios tecnológicos humanos, demonstrando como a produção do homem perpassa uma história de criação, construção e destruição, através da arte, do trabalho e da guerra” (CASTRO, 2013, p. 31). Esse recurso despertou a atenção dos visitantes e o mediador fez uma explicação, apresentando a evolução do lixo humano.



Figura 19 – À esquerda, duas crianças e um adulto observando o fóssil do bicho-preguiça. À direita, mediador explanando sobre o totem “Camadas do tempo”, detalhe de um jovem apontando a lanterna para o totem e outros observando.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

No último módulo da exposição: “Tecnógeno: uma realidade”<sup>24</sup>, os mediadores pediram ao grupo para que se sentasse nos puffs, observasse a instalação interativa “De olho no Petróleo”. Um mediador foi tirando os objetos dos nichos e perguntando o que era. As crianças foram respondendo com palavras e gestos. Depois outro mediador perguntou: “o que tudo isso aqui tem em comum?” gerando um grande silêncio. Para responder, o mediador pegou um tubinho com um líquido preto e explicou que todos esses objetos eram feitos com o petróleo.



Figura 20 – À esquerda, algumas pessoas sentadas em puffs e outras em pé. Dois mediadores e uma criança pegando um objeto no painel “De olho no Petróleo”. À direita, uma criança segurando um objeto (chiclete).

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

A visita teve a duração de uma hora e quinze minutos. Após o término, o grupo foi convidado a ir ao CEMA para a realização de uma atividade.

---

<sup>24</sup>Neste módulo da exposição são tratadas temáticas de interesse contemporâneo, como as mudanças climáticas e a utilização de recursos naturais, com destaque para o petróleo (CASTRO, 2014, p. 31).

O grupo sentou-se nas cadeiras dispostas em círculo. Os mediadores chamaram as crianças e os jovens para se sentarem no chão e realizarem algumas atividades.



Figura 21 – Grupo sentando em roda no CEMA para preparação das atividades e roda de conversa.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

A primeira atividade proposta foi com algumas perguntas contendo quatro alternativas de resposta e apenas uma correta. Essas perguntas e suas alternativas de resposta foram feitas em símbolos gráficos e fotografias da própria exposição, com opções móveis, para serem fixadas com velcro, em locais determinados ou só apontadas. O material era todo plastificado. A pergunta foi lida pelos mediadores e as crianças apontaram para a resposta que consideravam como a correta.





Figura 22 – Em cima, à esquerda, quatro crianças olhando para o papel que o mediador está segurando com as mãos. Ao lado, uma criança apontando para o papel. Abaixo, à esquerda, mediadora segurando o papel enquanto uma criança aponta para o papel. Ao lado, as crianças segurando o papel.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

A segunda atividade desenvolvida foi o jogo da memória. O jogo era formado por peças emborrachadas contendo imagens de dinossauros brasileiros. Os mediadores não explicaram as regras do jogo da memória antes de começar. Todas as crianças participaram, uma precisou do auxílio da estagiária, e demonstraram entendimento pelo conteúdo apresentado.



Figuras 23 – Duas imagens com as crianças e jovens com deficiência intelectual sentadas no chão, em círculo, com as peças do jogo da memória viradas para baixo.

Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Para avaliação utilizaram a caixa de recursos com os objetos pedindo para as crianças pegarem o que mais tinham gostado na visita. Elas pegaram o sapo, o dinossauro, a Terra e o jacaré.



Figura 24 – Educadora do MGeo com a caixa de recursos na mão para as crianças pegarem os objetos. Uma criança está segurando o globo terrestre.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

Depois dos jogos, a coordenadora do grupo, também como forma de avaliação, utilizou a prancha de comunicação e perguntou o que as crianças mais gostaram de ver na exposição. E todas apontaram para uma foto da sala que mais gostaram. Uma das crianças ainda estava segurando um brinquedo.

Para terminar a roda de conversa, um educador do museu solicitou uma avaliação dos acompanhantes. Pediu que falassem aspectos positivos e negativos da visita.

As falas dos acompanhantes foram de satisfação tanto no sentido de terem visto os filhos/netos interagindo, quanto de terem, também, aprendido e se divertido durante a visita. Destacaram que os mediadores foram atenciosos e sempre buscavam chamar as crianças para observarem o acervo da exposição ou até mesmo para ouvirem as explicações. Enfatizaram, também, que conseguiram usar uma linguagem que faz parte do cotidiano das crianças, não usando apenas termos acadêmicos/técnicos. Os acompanhantes procuraram intervir o mínimo possível durante a visita, deixando os mediadores conduzirem a mesma.



Figura 25 – Grupo sentado em roda. Momento de avaliação.  
Foto divulgação: Acervo Museu da Geodiversidade, 2019.

## 4 DISCUSSÃO

### 4.1 ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE VOLTADAS PARA GEOCIÊNCIAS NA RECEPÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

As estratégias de comunicação sensorial e desenvolvimento de recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência em exposições e produtos culturais são, atualmente, uma das maneiras mais eficazes de atração e fidelização de visitantes locais e turistas (SARRAF, 2015, p. 89).

Para a criança e o jovem com deficiência intelectual participarem plenamente da mediação na exposição Memórias da Terra e colher os benefícios de um museu inclusivo, é necessário que se façam adaptações, seja no ambiente físico, seja nas atitudes das pessoas.

Todos os membros da equipe do museu devem trabalhar cooperativamente para atingir aos objetivos da mediação. Para uma boa organização, quando o número de visitantes for em torno de dez ou mais, tornar-se-á imprescindível que a equipe possua no mínimo quatro mediadores, revezando-se e complementando-se durante a visita.

Os mediadores precisam ser, previamente, treinados e capacitados. Nesse aspecto, o museu precisa promover a formação inicial e continuada dos seus educadores por meio de oficinas de sensibilização, leituras direcionadas e rodas de conversa envolvendo os profissionais da área e as pessoas com deficiência, a fim de desenvolver as ações educativas acessíveis.

Outra estratégia de suma importância é utilizar, adequadamente, a Tecnologia Assistiva para aprimorar a compreensão do conteúdo e de facilitar a condução das crianças e dos jovens com DI durante a mediação, em consonância com Mello (1997 *apud* ROCHA e CASTIGLIONI, 2005, p.98), o qual afirma que a tecnologia:

é considerada Assistiva quando é usada para auxiliar no desempenho funcional de atividades, reduzindo incapacidades para a realização de atividades da vida diária e da vida prática, nos diversos domínios do cotidiano. É diferente da tecnologia reabilitadora, usada, por exemplo, para auxiliar na recuperação de movimentos diminuídos.

Ainda sobre esse tema, a LBI (2016), no inciso III, do artigo 3º, considera tecnologia assistiva ou ajuda técnica como:

produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à

atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

Nesse sentido, para a melhor compreensão dos conceitos abstratos, faz-se primordial o uso dos símbolos gráficos, que podem ser as representações visuais, auditivas ou táteis de um conceito. A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) utiliza-se de vários símbolos como os objetos, a fala, os gestos, a linguagem de sinais, as fotografias, os desenhos e a escrita (GLENNEN, 1997 *apud* PELOSI, 2005, p.41).

As pranchas de comunicação do MGeo são um bom exemplo de tecnologia assistiva empregada. Esse recurso contém informações com símbolos e fotografias da exposição Memórias da Terra, o que proporciona o diálogo por meio da apresentação visual da exposição. Desse modo, crianças e jovens com DI e qualquer pessoa sem fala funcional podem interagir inteiramente com os mediadores.

O mediador deve fazer sempre uso de situações e exemplos concretos, evitando assim abstrações, como afirma Dias (2007)

A aprendizagem tem sempre que partir do concreto, pois o Down tem dificuldade de abstração. Na alfabetização e no ensino da matemática, por exemplo, símbolos podem ser aprendidos com certa facilidade, embora seja difícil associá-los a conceitos e a quantidades. O processo de abstração é lento e difícil, mas possível. O aprendizado não pode ser isolado. Tem que acompanhar a vida prática tem que ser inserido num contexto real, em que o Down possa perceber o seu significado concreto, na vida real.

A caixa de recursos do MGeo contém materiais selecionados, tendo como base o acervo da exposição, em virtude de ter-se observado a necessidade de incentivar a investigação e de inserir os visitantes ativamente no processo de descobertas. São eles: miniaturas de globo terrestre, jacaré, mamute, dinossauro, sapo de pelúcia, lupa, lanterna, frasco com sal e cordão com um mineral. Essa caixa deve ser usada durante toda visita. O mediador pode estimular os participantes a pegar algum objeto de acordo com o seu interesse. Destacamos que a lanterna e a lupa de mão são excelentes recursos para auxiliar as crianças e jovens com DI quando há medo e, também, para explorar o espaço.



Ressalta-se que a linguagem simples <sup>25</sup> é, também, uma estratégia imprescindível para a percepção do conteúdo pelas crianças e jovens com DI. A construção de textos em linguagem simples,

sob as diversas necessidades, não significa construir um resumo, tampouco uma estratégia de redução do texto ou de seu conteúdo. Um texto em linguagem simples segue sobretudo diretrizes de objetividade, simplicidade e linguagem visual, todavia sempre garantindo a personalização e adequação às especificidades e individualidades dos públicos-alvo (MASCARENHAS e TABAK -2012 *apud* MASCARENHAS, 2018, p. 33-34).

## **4.2 ORIENTAÇÕES PARA A MEDIAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS NO MUSEU DA GEODIVERSIDADE**

1. Para iniciar o grupo no contexto do museu, sugere-se explicar quem foi Monteiro Lobato utilizando-se de um personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo, que poderia estar inserida na caixa de recurso do MGeo, além de cantar a música dessa obra.
2. Falar clara e descritivamente, apoiando-se, sempre que necessário, em sinais e símbolos gráficos, evitando o excesso de termos acadêmicos. Recepcionar e mediar para públicos diversificados exige dos educadores posicionamentos rápidos e ações criativas, de modo a estabelecer o diálogo.
3. Expressões como “Planeta Terra Primitivo” associar com “planeta bebê”; “meteorito” associar com “estrela cadente”; ao invés de falar “vou fazer uma pequena introdução”, falar “vou começar”; assim como “vestígios de uma forma de vida” para “provas de uma forma de vida”; “pintura rupestre” para “desenhos na caverna”; “animais carnívoros e herbívoros” para “animais que comem carne e plantas”; “amonita” parece com um “caracol”; “placas tectônicas” – “treme-treme”.
4. É essencial evitar o uso de metáforas, de ideias difíceis de perceber ou conceitos muito abstratos e que exijam conhecimentos específicos de outras áreas. A explicação dos recursos e acervos que estão do circuito expositivo exige muitos conhecimentos geológicos e as explicações em torno dos processos e teorias, como por exemplo, explicar a dinâmica interna e externa da Terra; a formação de rochas e

---

<sup>25</sup>O termo utilizado por Muñhoz para designar linguagem simples é do original inglês: “Easy Read”. No Brasil, temos o amparo legal da LBI, que prevê como instrumento de acessibilidade a linguagem simples (MASCARENHAS, 2018, p.33).

de minerais, a teoria da Deriva Continental, das extinções em massa, entre outros. O próprio conceito de tempo é complicado de se explicar, mais complicado ainda é explicar o tempo profundo ou geológico, que abrange a casa dos bilhões de anos. Por isso, recomenda-se focar a explicação no objeto e, se necessário, recorrer a comparações com os materiais que estão na caixa de recursos ou às pranchas de comunicação.

5. Durante a mediação, devem-se evitar questões do tipo “alguém tem alguma pergunta?”, pois essa indagação, muitas vezes, fica sem resposta. Pode-se combinar inicialmente que, caso alguém tenha dúvida, pergunte ou levante o braço a qualquer momento.

6. Sempre antecipar um fato ou acontecimento ao grupo, a fim de se evitar surpresas e algum constrangimento por algo que já é conhecido no circuito expositivo como área sensível. A surpresa, no caso de crianças e jovens com DI, pode causar a desestabilização do seu pensamento e, conseqüentemente, a interrupção da mediação.

7. Ao se lidar com um grupo com DI, deve-se pensar em diversas estratégias que orientem sobre o que e como fazer. Mas, primeiramente, deve-se optar por dar-lhes a devida atenção e demonstrar interesse por sua comunicação, pois escutá-los, ainda que não seja de modo verbal, é a melhor forma de sentir a sua expressão. Dessa forma, todas as curiosidades referentes à temática serão sempre atendidas, por meio de respostas às suas indagações.

8. No módulo “E a vida conquista os continentes”, é conveniente o mediador convidar o grupo a se sentar no chão como medida para aumentar a concentração, descansar e facilitar a observação do fóssil do animal que se encontra pendurado no teto da sala. Com a utilização da percepção visual, o mediador pode iniciar a caracterização com as seguintes indagações: que bicho vocês acham que é? Parece com o que? Vamos pegar na caixa o brinquedo que vocês acham que pode ser esse animal em cima de nós? A partir dessas indagações, pode-se explicar realmente o que o item apreciado representa ampliando, desse modo, o entendimento.

9. Com relação à segurança do grupo de crianças e jovens com DI, é essencial mantê-lo sempre junto, pois facilita o controle por parte dos responsáveis. Da mesma forma, torna-se válido solicitar ao porteiro que caso alguém saia sozinho do museu, durante a mediação, alerte imediatamente a equipe. Outros perigos devem ainda ser informados a todos os visitantes, tais como: os degraus e rampas em algumas salas, as plantas que podem machucar, escuridão de algumas salas e o risco de debruçar sobre as cúpulas de vidro. Todas essas ações visam garantir a segurança, sobretudo, das pessoas com DI.

10. É preciso sempre respeitar o ritmo das crianças. Caso necessário, personalizar a visita comum a um atendimento individualizado, mas sempre procurando levar as indagações para o coletivo para que se aguice a curiosidade de todos e se construa uma aprendizagem significativa.

Conclui-se que a mediação precisa ser como uma contação de história, ou seja, envolvente, encantadora e estimuladora, além de ser realizada de uma forma diferenciada, dinâmica, interativa e alternativa. É viável que a equipe do museu faça da visita um encontro significativo e agradável, criando um ambiente propício para a socialização ao observar as características individuais e ao incentivar as iniciativas e o relacionamento com o grupo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias citadas para a promoção de mediações inclusivas nos museus envolvem, fundamentalmente, a mudança de atitude, o desenvolvimento de competências, a centralização no público e a captação e aplicação de recursos. Diversas modificações precisam acontecer para que a inclusão faça parte do cotidiano dos museus e da sociedade. Nesse processo, cabe aos profissionais a sensibilização e a conscientização sobre a importância da plena convivência das pessoas com deficiência em todos os espaços culturais.

Desde a criação do projeto de extensão em acessibilidade e durante a realização desta pesquisa, constatou-se que há empenho e predisposição da equipe do MGeo em viabilizar a efetiva participação das crianças e dos jovens com deficiência intelectual, demonstrados pela maneira de satisfazer a curiosidade bem como despertar o interesse deles durante a mediação. Dessa forma, tal equipe busca ultrapassar, aos poucos, as barreiras atitudinais e comunicacionais.

Na observação da visita, notou-se uma variação na linguagem utilizada pelos mediadores, uns usavam um vocabulário científico e outros, uma linguagem simples e acessível. Tal variação se dá por não haver, no meio acadêmico das Geociências, uma preparação para acessibilidade cultural e por não ser uma prática frequente receber esse público no museu. Nessa direção, faz-se necessário estabelecer parcerias com instituições voltadas as pessoas com deficiência intelectual, a fim de formar esse público e garantir sua fidelidade. Destaca-se, assim, como forma de amenizar a disparidade na linguagem, a busca de um diálogo com os visitantes a partir do acervo da exposição.

Verificou-se também que no início da visita os mediadores utilizaram um vocabulário mais rebuscado ou acadêmico. Porém, com o desenrolar da visita, eles adaptaram automaticamente esse vocabulário, a fim de se adequar à linguagem do público-alvo. Desse modo, comprova-se a importância da sensibilidade, por parte dos explanadores, no tocante ao entendimento e à compreensão dos visitantes.

Os recursos materiais utilizados foram de suma importância para a superação do medo (lanternas), para capturar a atenção, para as associações com o cotidiano das crianças (sapo, jacaré, dinossauro, Planeta Terra) e para a observação

detalhada de algumas peças (lupa de mão). O acervo do MGeo disponível ao toque enaltece a acessibilidade, pois possibilita a concretização do conteúdo por parte dos visitantes, sobretudo daqueles com deficiência intelectual, além de tornar dinâmica a fruição cultural.

Ressalta-se que a prancha de comunicação e os pictogramas são fundamentais para as crianças com deficiência intelectual. Tais instrumentos corroboram para comunicação dessas pessoas, principalmente para aquelas não-verbais. Sugere-se, como mais um elemento de tecnologia assistiva, a elaboração de um catálogo e de um *folder* de divulgação da exposição em escrita simples.

Os mediadores incentivaram as crianças a fazerem uso de diferentes sentidos além da visão e da audição, ao estimularem o tato e o paladar, utilizando uma mediação multissensorial. De forma gradativa, o grupo foi se envolvendo com as experiências vivenciadas, o que proporcionou um elevado interesse pela exposição. Nesse sentido, torna-se evidente a importância de se explorar diferentes artifícios com o intuito de favorecer a percepção individual.

Um grande desafio dos museus é a formação de público com deficiência intelectual e sua fidelização. Em contrapartida, ações de acessibilidade vêm sendo desenvolvidas pela equipe do MGeo por meio de práticas de mediação acessível e comunicação sensorial conforme demonstrado. Essa circunstância representa um avanço considerável na luta pela inclusão.

Nessa perspectiva, a presente monografia contribui com o movimento crescente em defesa da acessibilidade, seja ela estrutural, acadêmica ou cultural. Ao permitir que cada indivíduo obtenha a oportunidade igualitária, diminui-se a necessidade de ações assistencialistas, as quais devem existir estritamente em caráter temporário e não permanente, e possibilita-se colaborar com a construção do conhecimento e da independência, além de garantir a dignidade humana.

O museu deve cultivar novas perspectivas e caminhos, a fim de melhor atender ao seu público, com ou sem deficiência, criança ou adulto, jovem ou idoso, e desenvolver um trabalho com ênfase na diversidade. Ao eliminar os entraves, manifesta-se o desejo de oferecer a todos uma prática inclusiva. Obtém-se, desse modo, as respostas pelo contato direto com os interessados, uma vez que o vínculo

afetivo reduz a ansiedade e a insegurança das crianças e jovens com deficiência intelectual.

Na atual situação político-econômica do país, com significativos cortes de verbas na área da educação e da cultura, vivencia-se uma prática sem incentivo financeiro. Porém o compromisso com a universidade pública e de qualidade se faz, a cada dia, mais importante e mais consciente da necessidade da divulgação científica e cultural.

Após essa reflexão, pode-se concluir que a capacitação dos mediadores deve ser realizada preferencialmente no início do período letivo, a fim de que se possa usufruir do conteúdo ministrado, durante todo o ano, e qualificar melhor os estudantes. Ademais, a recepção e o acolhimento, durante as mediações no museu, devem considerar diferentes maneiras de percepção e compreensão acerca dos conteúdos inerentes às linguagens culturais.

Há ainda muito a se realizar nessa trajetória denominada inclusão, porque incluir é uma tarefa muito difícil, contudo as iniciativas tornam-se cada vez mais frequentes. Somente por meio de uma sociedade menos excludente conseguir-se-á garantir o direito pleno à cultura e aos museus.

## REFERÊNCIAS

AAIDD. **Definição de deficiência intelectual.** Disponível em <<https://aaid.org/home>> Acesso em 24/04/2019.

APAIE. **Sobre a Deficiência Intelectual.** Disponível em: <<http://www.apaesp.org.br/pt-br/sobre-deficiencia-intelectual/Paginas/o-que-e.aspx>> Acesso em 30/05/2019.

ARACRI, Eveline Milani Romeiro Pereira. **Professores no Museu da Geodiversidade: o capital cultural nas percepções e expectativas da relação museu-escola.** Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2013, 160 f.

ARAÚJO, Luiz Alberto David. **A Proteção Constitucional das Pessoas com Deficiência.** Disponível em <[encurtador.com.br/efmvD](http://encurtador.com.br/efmvD)>. Acesso em 04/02/2019.

BRASIL. Associação Brasileira De Normas Técnicas. **NBR 9050: Norma Brasileira 9050-Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** Rio de Janeiro, 2015.

\_\_\_\_\_. **As metas do Plano Nacional de Cultura. Coordenação geral do Plano Nacional de Cultura. Ministério da Cultura.** São Paulo: Instituto Via Pública; Brasília: MinC, 2012. 216p.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.343, de 02 de dezembro de 2010.** Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Disponível em:<[encurtador.com.br/bcdAP](http://encurtador.com.br/bcdAP)>. Acesso em 26/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em 09/09/2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016.** Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Disponível em: <[encurtador.com.br/opW46](http://encurtador.com.br/opW46)> Acesso em 31/10/2018.

\_\_\_\_\_. **Glossário de Acessibilidade.** Disponível em: <[encurtador.com.br/hnCGN](http://encurtador.com.br/hnCGN)> Acesso em 19/05/2019

CASTRO, Aline Rocha de Souza Ferreira de. **Caminhando em direção ao museu inclusivo: diagnóstico de acessibilidade da exposição “Memórias da Terra” (Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ) com o mapeamento das intervenções necessárias.** Tese da Especialização em Acessibilidade Cultural da UFRJ. 2014.

DEA, Vanessa Helena Santana Dalla e DUARTE, Edison (organizadores). **Síndrome de Down: Informações, caminhos e histórias de amor**. São Paulo, Editora Phorte: 2009, 336p.

DIAS, Cecília. **Construindo o caminho um desafio aos limites da Síndrome de Down**. Disponível em: <[encurtador.com.br/vzDT2](http://encurtador.com.br/vzDT2)> Acesso em: 24/05/2019.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo, Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos: 2007.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: UFRGS/Pró-Reitoria de Extensão, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MADRI, Declaração de. Disponível em: <<http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/legislacaodeficiente/declaracao-demadrid-2002.pdf>> Acesso em 28/11/2018.

MASCARENHAS, Debora Feldman Pedrosa. **A linguagem simples como acessibilidade para pessoas com deficiência intelectual na experiência do Cosmos no Museu do Amanhã**. Dissertação de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão – Universidade Federal Fluminense, 2018, 115 f.

MGEO. **UFRJ Museu da Geodiversidade**. Disponível em: <<http://museu.igeo.ufrj.br/>> Acesso em 13 de janeiro de 2018.

MINAYO, Maria. **Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 34ª edição, 2015.

MOVIMENTO DOWN. Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de Down Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/>> Acesso em 09/10/2018.

PELOSI, Miryam Bonadiu. **O papel do Terapeuta Ocupacional na Tecnologia Assistiva**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFScar, 2005, vol. 13, n 1.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 8ª edição, 2010.

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência – benefícios para todos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação / Nº 6, junho 2018.

\_\_\_\_\_. **Acessibilidade em Espaços Culturais: mediação e comunicação sensorial**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2015, 236p.

ROCHA, E. F.; CASTIGLIONI, M. C. **Reflexões sobre recursos tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 16, n. 3, p. 97-104, set./dez., 2005.



TO BRINCANDO. **Projeto TO Brincando**. Disponível em <<https://sites.google.com/site/projetotobricando/home?authuser=0>> Acesso em 10/06/2019.

UFRJ. **Plano de desenvolvimento institucional 2012 a 2023: informações institucionais: Reitoria/Universidade Federal do Rio de Janeiro** – Rio de Janeiro, 2018. 230 p.: il.

\_\_\_\_\_. **Recursos na CAA**. Disponível em <<https://sites.google.com/site/labassistiva/>> Acesso em 02/04/2019.

## **APÊNDICE**

## **APÊNDICE 1 - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPATIVA DE VISITA MEDIADA PARA GRUPO DE CRIANÇAS E JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

- 01) Quantas pessoas com deficiência intelectual têm no grupo? Teve pessoas como acompanhantes?
- 02) Houve um preparo do grupo anterior a visita ao MGeo?
- 03) Quantos mediadores realizaram a visita?
- 04) Como o mediador fez a apresentação inicial?
- 05) O mediador usou linguagem simples?
- 06) O mediador fez uso de algum recurso durante a visita? Qual(is)?
- 07) Foi utilizada a prancha de comunicação?
- 08) O mediador partiu do concreto para o abstrato?
- 09) O mediador explorou algum sentido diferente da visão durante a visita? Qual?
- 10) O mediador antecipou os fatos/acontecimentos (sala escura, barulho) para o grupo não se surpreender?
- 11) O mediador procurou atender a curiosidade do grupo, o que mais chamou a atenção?
- 12) Como o grupo interagiu durante a visita?
- 13) A equipe do museu se preocupou com a segurança? Como?
- 14) Qual foi o tempo total da mediação?
- 15) Ao final, o mediador realizou uma roda de conversa avaliativa? Caso afirmativo, qual foi a impressão?
- 16) O mediador fez alguma atividade educativa após a visita? Qual?
- 17) Caso afirmativo, como foi o desenvolvimento e a participação do grupo?

## APÊNDICE 2 - AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS DE IMAGEM E/OU ÁUDIO

(nome completo) \_\_\_\_\_, (nacionalidade) \_\_\_\_\_,  
 portador da carteira de identidade \_\_\_\_\_, (estado civil)  
 \_\_\_\_\_, inscrito no CPF \_\_\_\_\_.

Autoriza gratuitamente ao Museu da Geodiversidade/IGEO/UFRJ, com sede na Avenida Athos da Silveira, 274, Cidade Universitária, Rio de Janeiro/RJ e a Técnica em Assuntos Educacionais Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos a utilização e divulgação, das IMAGENS (FOTO E/OUVÍDEO) E/OU ÁUDIO, captadas durante a visita a Exposição Memórias da Terra, que acontecerá no dia 16 de abril de 2019, que será utilizado unicamente para fins científicos, não tendo qualquer caráter comercial.

A presente autorização permanece válida por período de 10 (dez) anos, a contar da data de assinatura da mesma, e se destina exclusivamente à finalidade descrita neste instrumento.

Rio de Janeiro, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Imagens Autorizadas:

Própria Imagem e/ou Áudio

Imagem e/ou Áudio dos(as) filhos(as) com idade até 18 anos, conforme nomes abaixo relacionados:

Nome do Filho(a)

\_\_\_\_\_

Nome do Filho(a)

\_\_\_\_\_

Nome do Filho(a)

\_\_\_\_\_

Assinatura de quem autoriza

Nome completo de quem autoriza

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_